

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL

Entrevistado por Maria Augusta Silva

MARÇO DE 1994

Homem da cultura. A música a preencher-lhe a vida. Frontal nas ideias e nas respostas. Diz ser um judeu da seita dos cristãos. Assume-se como um «jornalista musical» porque não aprecia o qualificativo de «crítico». Considera que há muitos mundos para descobrir e não só: «Mesmo do que já foi descoberto, falta ao espírito moderno a compreensão de muita coisa». No tema da religião recorre a uma frase do irreligioso Voltaire: «Não percebo que haja um relógio sem haver um relojoeiro.» Também não consegue manifestar preferência por um determinado instrumento musical: «Gosto de todos. Até num pífaro pode haver muito virtuosismo». Finalmente, assunto inevitável: o «caso Santana Lopes». O político, alegando ofensa verbal, levou-o a tribunal, mas o nosso entrevistado assegura-nos que não lhe guarda rancor.

Nasceu no dia de São João de Deus. É o seu santo protetor?

Não. Só conheci a sua vida tardiamente. Foi notável, porque reformou o tratamento dos loucos de uma forma verdadeiramente revolucionária. Além disso, com a mania dos dias internacionais, faço anos no Dia Internacional da Mulher. É, ainda, o dia que Fernando Pessoa dizia ser o «dia triunfal» da sua vida. Criou nessa data *O Guardador de Rebanhos*, enquanto Alberto Caeiro.

Considera Fernando Pessoa um génio?

A vários títulos. A história dele completa dá para o resto do mundo, se é que o mundo acaba.

Precisaríamos de mais um São João de Deus para o tratamento dos maiores loucos de hoje?

Sem dúvida. É a era mais complicada, principalmente na desordem. Dirão os científicos termodinâmicos que já se esperava, devido ao aumento da entropia. Enfim... Sempre houve guerras, mas eram limitadas e num sentido de tribalismo.

Não continuamos a assistir a guerras tribalistas e mais dramáticas?

Verdade. E as profecias não são muito animadoras. Há uma ambição desmedida. É muito bonita a ideia de uma Europa unida. Mas já houve vários impérios e todos se estragaram.

Para onde caminha a Europa?

Caminha mal. Pode, aqui e ali, haver melhorias. E não observamos já sinais de nacionalismos que separam tudo outra vez? E não assistimos a uma ambição selvática?

Acabaram-se os poetas?

De maneira nenhuma. E quanto pior for o mundo, mais poetas haverá. Todos se lembram dos poetas quando se deseja apelar para alguma esperança. Ninguém cita, nesse momento, Napoleão ou um Hitler.

O mundo não está talhado para os idealistas...

Deveria ser, exatamente, para os idealistas. Mas depende do que entendo por mundo. Não é ser muito rico e ter o domínio político de qualquer maneira.

Como vê Lisboa Capital da Cultura?

Não quero dizer mal, há gente capaz na organização, mas não vejo no programa a ideia de mostrar realmente o que temos no tesouro da música portuguesa de todos os tempos.

É a maior lacuna?

Falo da música, por ser a área a que estou mais ligado. Por exemplo, temos uma coisa única, o Convento de Mafra, projetado para seis órgãos. Só D. João V, com toda a sua megalomania e por muitas asneiras que tivesse feito, podia deixar-nos uma coisa daquelas. Deveríamos aproveitar esta oportunidade. Seria uma atração ímpar no mundo. Preferiu-se um concerto inaugural, com duas obras notabilíssimas, como *O Imperador*, de Beethoven, e a *Quinta Sinfonia*, de Tchaikovsky — não é isso que está em causa nem as interpretações — mas que podem ouvir-se em qualquer parte.

A cultura está a ser maltratada?

Conduzida de uma maneira muito superficial. Não basta encher um programa com obras. Não tenho a veleidade de ter feito muito, mas fiz alguma coisa. É sempre agradável chamar a atenção para novos valores.

Disponível para todos os géneros musicais?

Nada contra a música moderna, por mais vanguardista que seja, nem contra o jazz ou a música folclórica nem contra as músicas étnicas. Tudo me interessa. A minha bitola é a qualidade.

Meteorologista. Lidou com tempestades e bonanças. Fascinante?

Claro. Mas à medida que subimos hierarquicamente, fica-se mergulhado em orçamentos. Disso, fartei-me. Graças às várias cordas da minha lira, fui para adido cultural no Brasil.

Alguma vez viu o céu entornar-se contra todas as previsões?

Sou do tempo dos hidroaviões, em Cabo Ruivo. Houve o grande ciclone de Lisboa. Ajudei a salvar alguns aviões. Não se previa a intensidade da tempestade e o ciclone atacou por onde não é costume.

As turbulências vêm mais dos Açores...

Essa região do Atlântico é de ventos oeste e empurra tudo para cá.

Os boletins meteorológicos com elegantes pezinhos a pisarem o mapa terão credibilidade?

Na apresentação tradicional, o público já sabia fazer a leitura daquilo, embora incompleta. Em todo o caso, dava mais cultura meteorológica do que este modelo de animação física por senhoras muito simpáticas. Mas temos o Anthímio de Azevedo. E será bom lembrar o professor José Pinto Peixoto, um mestre universal de meteorologia.

O buraco de ozono preocupa-o?

Naturalmente. Mas tem sido dramatizado. Em 1950 já havia nos Açores uma estação medidora de ozono. Leonel Neves, também

poeta e autor de contos infantis, esteve ligado a essas investigações, nomeadamente em Inglaterra.

Viveu em África. Como olha agora para o continente negro?

Vivi dois anos em Angola e dois em Moçambique. Tenho uma grande simpatia por aqueles povos. Em termos meteorológicos deixámos um serviço equipado; como as coisas seguiram, é outra história. A guerra que os devora começou empurrada por interesses vários que nada têm que ver com aquela gente. Sociologicamente, se aqueles países perderem a língua portuguesa, a desordem será ainda maior.

O racismo aflige-o?

Nunca fui racista. Às vezes, perguntavam-me se gostaria de ver um filho meu casado com uma negra. A minha resposta foi sempre a mesma: não me importava, desde que tivessem um nível semelhante para se poderem relacionar. Mas sempre houve racismos de toda a ordem no mundo inteiro. Em tempos imemoráveis, antes de Cristo, os primeiros grandes racistas foram os Judeus, o povo escolhido, que julgava poder matar toda a gente.

E, depois, o Holocausto...

Medonho! Uma barbárie nunca poderá justificar outra.

Confia no acordo entre israelitas e palestinianos?

Continuam a acontecer coisas horríveis. O fanatismo religioso serve de pretexto para muitas piratarías.

Mantém a Bíblia à mesa de cabeceira?

Pois tenho. E faço os possíveis por ler um bocadinho todos os dias.

Que procura nessa leitura?

Tento entender todas as lutas. Ironicamente, talvez possa dizer que sou um judeu da seita dos cristãos.

Tem espírito samaritano?

Isso é outra coisa. Foi Cristo a demonstrar por uma parábola (se é que não se tratava mesmo de um facto) que não era preciso ser judeu para ser bom.

Sabe rezar?

Até seria capaz de dizer missa.

Sentiu vocação para o sacerdócio?

Não, mas quando me faziam a pergunta sacramental «que é que o menino quer ser?»..., escolhia a sugestão de padre.

No ofício da crítica foi-lhe mais difícil julgar a música ou a literatura?

A mesma coisa. Nem me considero um crítico musical.

Está a brincar comigo?

Não. Sou antes um jornalista musical. A crítica é uma coisa muito séria e os jornais não dão espaço suficiente. Somos um país que não tem um jornal dedicado à cultura musical. Podem não abundar os críticos de formação específica, mas há um punhado de gente qualificada. E, apesar de tudo, há muito mais cultura musical nos jovens de que quando eu tinha vinte anos.

As escolas superiores dão boa resposta?

Fazem o possível. Mas não temos, por exemplo, um estúdio capaz para a música eletrónica.

Do mundo que conheceu, preserva algum local em especial?

Se ainda estivesse em idade de me mandarem para um posto qualquer, escolheria África. Há tanto para aprender lá.

Que mais o prendeu a África?

A solidariedade daqueles povos nas suas tribos. Estive para morrer um dia destes. Deu-me um tremelique no Rossio e fiquei estendido na rua. Foram dois negros que me ajudaram. Os brancos que passaram por mim olharam, mas não se ralaram nada. Recordei-me, então, que Tomás Kim havia morrido ali, na outra ponta...

Supersticioso?

Não. Mas sou um estudioso das ciências esotéricas.

Muitos mundos para descobrir?

Ah!, sim. E mesmo do que já foi descoberto, falta ao espírito moderno a compreensão de muita coisa. Mas vai restaurar-se. Atualmente, não há um físico moderno que seja materialista ao estilo do positivismo do século passado. Quanto mais se estuda a física atómica, mais se vê que alguma coisa faz mexer isto tudo.

Já encontrou respostas?

A resposta de Voltaire, mesmo sendo ele irreligioso, é válida para mim: «Não percebo que haja um relógio sem haver um relojoeiro.»

O esoterismo é uma forma de libertação?

Com certeza. Mas cuidado, porque pode haver o risco de não se entenderem aquelas matérias e ligarem-se a superstições e a algumas seitas que são uma pura caça ao níquel.

Que o faz, ainda, zangar-se muito?

A estupidez.

Já fez as pazes com Santana Lopes?

Nunca me zanguei com o dr. Santana Lopes. Quando usei a expressão «imbecil musical» foi no sentido de ignorância musical, como eu serei ignorante noutras coisas. Ainda fui depor. O juiz concluiu não haver matéria que justificasse um processo e o assunto extinguiu-se.

Guarda rancor?

Nenhum.

Teve, por essa ocasião, gente de muitas gerações a solidarizarem-se consigo. Como sentiu esse apoio?

Não calcula, foram tantas pessoas! Há muita gente inteligente em Portugal, apesar de tudo.

Se pudesse corrigir alguma coisa na sua carreira, em que arrepiava caminho?

Nem ponho essa questão. Fazia a mesma coisa.

Alguma preferência por um instrumento musical?

Gosto de todos. Até num pífaro pode haver muito virtuosismo.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*

TAMBÉM NESTE SÍTIO:
CRÓNICA DO CENTENÁRIO
LER

http://www.casaldasletras.com/maria_Registos.html